

## **E. P. THOMPSON: um personagem dissidente e libertário**

*Edgar Salvadori de Decca\**

Não é nada fácil para mim falar de Thompson. Apesar de não conhecê-lo pessoalmente, troquei inúmeras correspondências para que se tornasse possível a publicação, no Brasil, de seus livros mais importantes: *A formação da classe operária inglesa* e *Senhores e caçadores*. Durante anos, seus originais estiveram guardados nas gavetas da editora Paz e Terra e ninguém mais acreditava em sua publicação. Quando fui convidado para dirigir a coleção *Oficinas da História*, em 1987, coloquei como condição de trabalho o desafio da publicação de seus livros. Por este motivo, hoje, eu me sinto muito gratificado ao ver os seus livros muito bem editados e traduzidos para o português. São dois trabalhos de características distintas, mas que contribuíram enormemente para a renovação da pesquisa histórica no Brasil. O primeiro deles foi escrito longe da academia, nos tempos em que Thompson dava aulas noturnas em sindicatos operários. O segundo foi escrito durante o período em que Thompson esteve ligado à universidade, mas nem por isso deixa de ser um trabalho ousado. Isto porque Thompson sempre se distinguiu por sua ironia e irreverência diante da ideologia e da história oficiais.

Este artigo não é uma avaliação teórica e historiográfica do autor. Poderia ter optado por este caminho, mas acho que atualmente não me sinto atraído por estas questões. Vou procurar percorrer outros rumos, e quem sabe, trazer algumas informações para o leitor ainda não familiarizado com a obra de Thompson. Para um leitor mais atento ao rigor das citações, este artigo também é irreverente. Ele não dá indicações precisas sobre as citações. Elas pertencem à minha memória e julguei mais interessante escavar as lembranças do que vasculhar os livros e revistas da biblioteca. Durante anos estive ligado à obra de Thompson e foram dezenas e dezenas de artigos que li a respeito de sua obra. Agora gostaria de citar aquelas coisas que ficaram marcadas em minha memória. Por isso, os leitores devem levar em consideração alguns

\* Departamento de História da Unicamp.

desvios da memória e também as suas imprecisões, porque ela é sempre muito frágil e fugaz. Afinal, escrevo *in memoriam* este artigo.

Para entendermos Thompson e toda uma geração de historiadores marxistas ingleses, devemos situá-los como uma geração que viveu a crise do comunismo depois da morte de Stalin e que também tomou conhecimento dos documentos desse período da história da URSS, divulgados pelo governo Krushev. Para termos uma idéia da importância desta crise do comunismo, que também convive com a invasão da Hungria por tropas soviéticas, podemos dizer que na Europa a intelectualidade de esquerda e comunista tomou duas posições importantes. De um lado, ficaram aqueles que, apesar de saberem muito a respeito da URSS, decidiram dar-lhe um crédito de confiança e permaneceram nas fileiras dos partidos comunistas ocidentais. Foi o caso, por exemplo, de Sartre, na França e de Eric Hobsbawm, na Inglaterra. Outros não deram este crédito de confiança e optaram por uma posição de esquerda independente dos PCs, como foram os casos de Claude Lefort, Castoriadis e Merleau-Ponty, na França, e particularmente Thompson, na Inglaterra.

Esta geração viveu de forma muito intensa a crise do comunismo do período pós-guerra e Thompson representa, na Inglaterra, este pensamento de indignação diante do que representou o período stalinista na URSS. Assim como vários intelectuais franceses, Thompson também se desliga do Partido Comunista inglês. Nesta altura do campeonato, também Sartre escreve um livro criticando a invasão da Hungria, *O fantasma de Stalin*, que é uma obra de denúncia, um depoimento virulento por parte da esquerda contra a invasão soviética na Hungria. Thompson, nesta ocasião, 1956, se desliga do Partido Comunista inglês. Ele sai junto com outro historiador do movimento operário, que é pouco conhecido entre nós, porque sua obra foi muito pouco divulgada, seu nome é John Saville. Trevor Hopper, outro historiador inglês importante, cuja obra é muito pouco conhecida entre nós, também se afasta do Partido Comunista. Dos que permaneceram no Partido Comunista inglês, destacam-se Eric Hobsbawm e Christopher Hill. Thompson, ainda como militante do PC inglês, se juntará com John Saville para criar uma revista do grupo dos historiadores do PC, a revista *Reasoner*. Em seu primeiro editorial, eles dizem claramente que a *Reasoner* era uma revista dissidente no interior do próprio grupo do PC. Ela tinha como intenção derrubar as teses clássicas que vinham sendo defendidas pela política da Terceira Internacional.

Com a sua expulsão e saída do PC, ele funda uma nova revista, também com John Saville, cujo nome é *New Reasoner*, para continuar com esta idéia de servir como uma revista de contraponto ao pensamento do PC na década de 50.

Isso, de uma certa forma, mostra a trajetória intelectual de Thompson e como, de fato, a crise do stalinismo na década de 50 foi a marca maior para que Thompson afirmasse a sua postura dissidente e libertária.

Entretanto, acho que, tivesse ou não ocorrido a crise do PC, a tradição de Thompson inevitavelmente o tornaria um dissidente radical. Por isso que o título deste artigo é “Um personagem dissidente e libertário”. Por estes traços de dissidente radical, cujas tradições remontam à época da revolução gloriosa, ele foi sempre um militante político, um ativista político, mas que nunca pertenceu por muito tempo a nenhuma organização político-partidária. Ele é herdeiro das tradições anarquistas e libertárias inglesas, que George Woodcock localiza entre os movimentos radicais do século XVII na Inglaterra, com os *levellers* e *diggers* da época da revolução gloriosa.

Foi durante seu tempo de estudante, em Cambridge, que Thompson se filiou ao PC, mas ele abandona as fileiras do partido em 1956. Um ano antes deste desligamento tem o seu primeiro livro publicado, uma biografia de William Morris, poeta marxista inglês, que combinou militância política com atividade artística. Este livro, cujo título é *William Morris: romantic to revolutionary*, publicado originalmente em 1965, teve uma segunda edição em 1972, ainda não traduzido para o português. Apenas como observação: o primeiro e o último livros de Thompson são dedicados a dois poetas radicais ingleses, William Morris e William Blake.

Em 1960, a revista *New Reasoner* se funde com uma outra revista de esquerda, a *Universities and Left Review*, para se tornar uma das mais famosas revistas de esquerda em língua inglesa, a *New Left Review (NLR)*.

Será na *New Left Review*, em 1965, que Thompson travará um dos debates mais quentes dentro do marxismo inglês e europeu, criticando acidamente dois editores da revista, Perry Anderson e Tom Nairn, por seu marxismo teórico e abstrato, completamente afastado das tradições da cultura popular da Inglaterra. Pela primeira vez, com seu texto cortante, Thompson mostra-se um excelente polemista, outro traço de sua tradição dissidente radical.

Mas, antes de sua polêmica com os editores da *NLR*, em 1963, é publicado o livro *The making of English working class (A formação da classe operária inglesa)*, sem dúvida, uma das obras historiográficas mais importantes do século XX. Segundo o *Citations Index*, Thompson, que se tornou mundialmente conhecido por este livro, foi, durante os anos 80, um dos 250 autores mais citados de todos os tempos. Ele escreveu este livro num período em que dava aulas noturnas para escolas de sindicalistas. Neste livro pôde, pela primeira vez, mostrar suas divergências com o marxismo de cunho economicista. Seu livro é um imenso painel das tradições culturais populares e nos revela a importância destas tradições para a formação da primeira classe operária

da história. A busca destas tradições culturais para explicar o aparecimento da classe operária inglesa iria dirigir os rumos da pesquisa histórica de Thompson durante muitos anos. Na verdade, como historiador, Thompson dedicou-se quase exclusivamente aos estudos das tradições libertárias e radicais inglesas, entre os séculos XVII e XVIII.

Quem lê o editorial do primeiro número da *NLR* vai ver, muito claramente, qual é a intenção da revista. A *NLR* quer fazer com que o marxismo deixe de ser uma discussão teórica, vazia e abstrata dos conceitos, e que a teoria marxista possa também, vamos dizer, entrar nos processos sociais e entender, em última instância, os modos de vida. Que essa teoria não seja exclusivamente um campo de debate em termos de abstração teórica. Isto está escrito no editorial do primeiro número da revista, na qual Thompson e sua esposa Dorothy participam como membros do conselho editorial. Parece-me que está aqui a chave para entendermos as divergências de Thompson com Perry Anderson, em 1965, quando este último torna-se o editor da revista. Num certo sentido, foi através da *NLR* que Thompson recebe as críticas mais contundentes do pensamento de esquerda da Inglaterra. A resposta contundente de Thompson a Anderson e Nairn punha em questão os próprios rumos assumidos pela revista, sob a direção destes dois teóricos marxistas. Com Perry Anderson, na verdade, a revista acaba se tornando uma revista teórica de grande porte e de uma importância inegável para o debate marxista dos anos 60, mas para Thompson ela se afastava de seus propósitos originais. De fato, se lermos o editorial do número 1 da *NLR* teremos que tomar partido a favor do Thompson, pois na verdade, estava escrito neste número que a revista tinha como objetivo fazer do marxismo uma teoria que orientasse a ação política, que fosse, de fato, uma teoria da práxis, que fosse uma teoria que ajudasse a entender o processo de constituição da vida cotidiana das classes populares, que contribuísse nos debates do movimento socialista e trabalhista. Segundo Thompson, esta é a razão pela qual ele se afasta da *NLR*, é que *NLR* tinha perdido este objetivo, perdeu de vista esta meta. Talvez tenha sido o próprio Thompson quem tenha levado até às últimas conseqüências o projeto original da revista. Quando publicou o seu livro *The making of the English working class*, Thompson fez da teoria marxista um pensamento ativo e uma teoria que não fica única e exclusivamente no campo das abstrações. As categorias analíticas do marxismo, nas mãos de Thompson, transformam-se em categorias que nos permitem entender a maneira pela qual se constituem os modos de vida e a consciência dos grupos sociais que lutaram e resistiram ao capitalismo. Isso, de uma certa forma, mostra um pouco como Thompson desenvolveu um projeto intelectual que, de um certo modo, estava na base do grupo dos historiadores do Partido Comunista inglês e que, posteriormente, ele tentou levar para a *NLR*. Este livro foi escrito entre 60 e 63, num período que Thompson é professor de adultos em escola noturna, que são escolas sindicais.

Escreve quando ainda militava no sindicalismo inglês e, como ele próprio disse a uma revista americana que o entrevistou, a *Radical History*, ele o escreveu para operários, com a intenção de que fosse oferecido ao mundo operário uma alternativa de interpretação à história da formação da própria classe operária inglesa. Esta obra tinha a intenção não só de atingir os operários, mas também pretendia abrir um diálogo novo entre as velhas e novas esquerdas inglesas. Quer dizer que o alvo da obra de Thompson era muito preciso: em primeiro lugar oferecer uma alternativa de interpretação sobre a formação da classe operária da Inglaterra, a primeira classe operária do mundo moderno que tinha recebido de Engels o primeiro tratamento histórico. Em segundo, abrir um debate entre as velhas e novas esquerdas, no que dizia respeito à teoria marxista, muito abalada em seu prestígio intelectual devido aos resultados do stalinismo.

Bem, agora eu vou dar algumas referências para a gente tentar entender um pouco esta personagem radical que foi Thompson. De todas as coisas que eu li a respeito da morte do Thompson, tem uma que me chamou muito a atenção. É uma homenagem muito bonita que foi publicada por Perry Anderson, crítico teórico do Thompson de tantos anos. Ele, talvez, tenha escrito a coisa mais bonita a respeito da trajetória intelectual e política do Thompson e essa homenagem que o Perry Anderson presta ao Thompson começa dizendo assim:

... numa noite em 1963 eu estava voltando para casa. Quando eu cheguei na porta da minha casa tinha uma garrafa de vinho francês com um bilhete que eu ao abrir li. Era um bilhete deixado pelo Thompson dizendo: Perry, veja só que grande notícia eu tenho para lhe dar. Vamos tomar esta garrafa de vinho juntos, o *The making of the English working class* foi publicado em livro...

Perry ficou muito contente e algumas horas depois o Thompson chega e eles tomam o vinho, comemoram e o Perry faz a seguinte frase para terminar esta parte introdutória do artigo: “é que desde 63, o Thompson parecia muito mais velho do que nós, pelo menos uns 15 anos...”. Essa era a imagem de Thompson e que Perry Anderson quis transmitir no artigo. Thompson viveu a vida de forma tão intensa, ele se entregou de tal forma às causas que ele acreditou, que ele consumiu sua vida nestas causas e é por isso que dá para entender um pouco porque as pessoas de sua geração se parecem mais jovens. Perry Anderson tem um porte físico jovial e é apenas alguns anos mais jovem que Thompson. Eric Hobsbawm, Christopher Hill, John Saville são mais velhos e estão vivos, mas Thompson não. Na verdade, foram sempre professores universitários e Thompson não. Thompson consumiu a sua vida em nome das causas que ele defendeu.

Em 1989, numa cidade socialista austríaca, Linz, foi realizado o 25º Congresso Internacional dos Historiadores do Movimento Operário. Eu estava neste congresso e me encontrei com Hobsbawm. Conversando com ele, perguntei a uma certa altura, como estava Thompson e ele falou “Edgar, o Thompson está muito doente, muito mal de saúde. Eu acho que o Thompson não deve durar muito tempo...”, o custo que o Thompson teve por militar nos movimentos pacifistas e nos movimentos anti-nucleares e ecológicos europeus foi de tamanha proporção que ele praticamente perdeu a vida na luta por esses ideais. E Hobsbawm terminou dizendo o seguinte:

... ele não só consumiu a vida dele nisso. Thompson era um homem que podia viver uma vida muito tranqüila porque ele não só era um intelectual muito prestigiado... então não faltaria nunca a ele a oportunidade de conferências, ser professor convidado das universidades mais importantes do mundo, como a família também deixou propriedades em nome dele. Você pode não acreditar, ele consumiu todos os bens que ele tinha na causa do movimento pacifista.

Ele estava completamente pobre, é por isso que dá para entender o que ocorre em 1990, quando ele se vê obrigado a ir ao Canadá, dar um curso como professor visitante, porque do ponto de vista financeiro ele estava com suas economias arruinadas. Em 1989, ele não só estava com suas finanças arruinadas como muito mal de saúde também. Em 1992, Dale Tomish, importante historiador americano, amigo de Thompson, estava na Europa e foi visitá-lo. Depois da viagem ele me telefonou e disse:

... Edgar, Thompson está morrendo, ele não tem mais condições de ficar em pé e às poucas horas que ele tem condições de se levantar, ele se dedica a fazer uma obra que ele sempre sonhou escrever. Que ele durante anos procurou fazer. Uma obra, cujo o nome em inglês é *Witness to the beast*,

uma biografia e uma história da cultura do radicalismo inglês na figura de William Blake. Então, também é possível compreender Thompson por sua maneira radical de encarar a vida.

Paul Baker foi, durante muitos anos, editor da revista inglesa *New Society*, revista de esquerda. Logo depois que Thompson morre, ele escreve no editorial desta revista o seguinte:

... a riqueza de um país não se mede em estatísticas nem por crescimento econômico, mas pelo número de seus dissidentes, um país é rico pelo número de dissidentes que ele tem e ele diz ter. Hoje morreu, talvez, um dos grandes dissidentes da história da Inglaterra, que foi Edward Thompson...

De fato, se nós tivermos que ver a trajetória intelectual do Thompson seria muito pertinente aliar suas tradições intelectuais a este pensamento libertário, que na Inglaterra nasce com os radicais da revolução gloriosa, como os Diggers e os Levellers, esse pensamento dissidente que, de uma certa forma, do ponto de vista doutrinário, seria possível, fora da Inglaterra, associarmos com o pensamento anarquista. As características doutrinárias dos Diggers e dos Levellers, na revolução inglesa, se diferenciam das doutrinas burguesas da revolução no ponto em que elas negavam o Estado e criticavam a propriedade privada. Isto é, no momento em que a crítica do Estado monárquico está sendo feita, através do movimento da revolução burguesa, eles participam do movimento da revolução burguesa como ala radical e, em última instância, pregavam o fim da propriedade privada. Mas não pregavam só o fim da propriedade privada, eles pregavam também o fim do Estado. Quer dizer, no momento em que todo o pensamento político inglês está raciocinando em termos da constituição do Estado burguês, esses movimentos radicais e libertários visavam, justamente, o fim do Estado e da propriedade privada.

Estas tradições são muito fortes na Inglaterra, são linhagens de tradições libertárias muito críticas às instituições do capitalismo. Podemos compreender porque Thompson, apesar de se tornar um historiador marxista, acabou se tornando um marxista muito heterodoxo. Esta combinação de dissidência, radicalismo e marxismo podem explicar melhor a adesão de Thompson às causas trabalhistas e aos movimentos pacifistas e sua pouca afinidade e permanência em organizações político-partidárias.

Mas, seria importante, para nós, historiadores, pensarmos também – e isso vai ser muito marcante na obra do Thompson –, nessa tradição radical dissidente, cuja característica principal é a eloquência. Nós que trabalhamos hoje em dia com o discurso histórico, com a questão da narratividade na história, deveríamos lembrar que o ponto central do pensamento radical, quer dizer, do ser radical, dissidente e libertário é, antes de tudo, ter a paixão pela palavra, a paixão pelo discurso. Esta paixão pela palavra polêmica é que faz do radical, um radical e é o que os ingleses chamam de *trouble-makers*, criadores de problemas, aqueles que têm o domínio da palavra, fazem da palavra seu modo de vida, amam a palavra. Os criadores de problemas não vieram ao mundo para resolver problemas, eles vieram para criar problemas, para polemizar. Não são aqueles que a gente conhece como organizadores, administradores e racionalizadores das situações ou da história. Eles vieram ao mundo para criar novos problemas, no duplo sentido. É por isso que a historiografia inglesa tem uma dívida muito grande com este *trouble-maker*, pois criar problemas é criar novos campos de reflexão e de investigação. Thompson é dessa tradição que tem na palavra a sua paixão e é por isso que nós, historiadores, devíamos estar atentos ao fato de que quando falamos de

Thompson é importante lembrar que ele também escreveu literatura, que ele também escreveu poesia e que a força da obra de Thompson está no seu modo de escrever. Na vida acadêmica, suas aulas e conferências foram exemplos do magnetismo da retórica. Ele deixava o auditório completamente dominado pela palavra, era de uma grande força emocional e principalmente crítica. Ele teve na palavra o seu grande instrumento de combate intelectual e político. Por essa razão, a gente tem que ter um certo cuidado ao analisar a obra do Thompson, porque ele inaugura uma forma nova de escrever a história, porque para um radical a crítica nunca é uma crítica factual, como se faz comumente na tradição historiográfica moderna. A historiografia moderna baseia-se na constituição de uma narrativa, em que as provas factuais acabam sendo a base de afirmação e de veracidade do discurso historiográfico. O discurso historiográfico tem legitimidade e reconhecimento se houver provas factuais que o comprove. Esta tradição radical e dissidente, no campo da historiografia, é fundamentalmente contra o factual, ela não prova sua legitimidade e não faz a crítica a partir de fatos. O radical, o dissidente, não usa suas provas factuais para destruir o argumento do outro. Ele brinca com as palavras, ele faz jogo de palavras. O que interessa é desmontar a maneira pela qual o seu adversário ou o seu inimigo, se vocês quiserem, aquele que é objeto da sua crítica, constrói no discurso a lógica dos fatos. Por isso, se vocês observarem em toda sua obra historiográfica, Thompson nunca faz a crítica do seu adversário por meio de uma prova factual, ele sempre pega os argumentos do adversário, faz jogo de palavras, desmonta a lógica discursiva do adversário. Eu pus, na orelha da edição em português do *The making...*, uma passagem da entrevista que o Thompson deu à *Radical History*, dos Estados Unidos, a respeito da sua historiografia e fica muito claro essa matriz historiográfica quando ele diz a sua opinião sobre a historiografia inglesa:

... creio que grande parte desta historiografia inglesa considerou a sociedade do ponto de vista das expectativas e da auto-imagem da classe dominante, a propaganda dos vencedores (...) por isso, eu creio que recuperar uma história alternativa supõe quase sempre polemizar com a ideologia dominante...

Na verdade, a obra de Thompson tem como fundamento desconstruir, agora que nós estamos numa linguagem pós-moderna, o discurso do vencedor. Thompson fez isso desde a origem da sua obra intelectual. A maneira pela qual Thompson faz história é sempre uma desconstrução da história oficial, da ideologia dominante. Ele desconstrói o discurso do vencedor, ele desconstrói a armadilha das palavras que faz com que a gente se convença, a partir de bases factuais, de que aquilo que a versão dominante apregoa como sentido da história é o único sentido possível. Thompson sempre dizia, contra os fatos apresentados pela ideologia dominante, que a questão não é a de apre-

sentar outros fatos, mas mostrar qual é a armadilha que o discurso dominante constrói para legitimar a coerência da sua narrativa historiográfica. Thompson tem essa estratégia desde os seus primeiros trabalhos. O que é importante salientar é essa capacidade polêmica de Thompson de trabalhar no plano do discurso, uma grande questão que, hoje, se debate no campo historiográfico, isto é, qual o papel da narrativa no discurso historiográfico. Para Thompson, desde a década de 60, era muito claro o lugar da narrativa. A narrativa é tudo, a narrativa é que constrói o objeto histórico, é o modo pela qual o discurso historiográfico se constitui enquanto lógica, enquanto coerência para que determinadas bases factuais sejam legitimadas. Thompson diz que não adianta contrapor fatos com fatos para fazer a crítica da história oficial ou da ideologia dominante. Precisamos desmontar as armadilhas do discurso da ideologia dominante, usando uma boa dose de ironia e um enorme senso crítico.

Foi assim que a crítica deste dissidente atingiu de forma radical figuras tão significativas da política internacional, como Margareth Thatcher e Ronald Reagan em sua luta pelo desarmamento nuclear. Ao invés de *Proteção e sobrevivência* (*Protect and survive*), nome de um folheto educativo inglês que explicava a necessidade das bases nucleares na Europa, Thompson escreveu um livro panfleto intitulado *Protesto e sobrevivência* (*Protest and survive*), alertando para o perigo das bases nucleares, pois em caso de guerra atômica a primeira região mundial a ser destruída, seria, justamente, a Europa. Se tomarmos a obra de Thompson, muito pouco lida pelos historiadores, que são seus livros dedicados ao movimento pacifista, veremos a quantidade de polêmicas que ele criou com as mais diversas personalidades do mundo internacional. Ele escreveu uma frase, em uma carta que me mandou em uma ocasião, que dizia o seguinte: "... eu não dialogo com os poderes constituídos...". Isso era um princípio dele. Ele polemizava, mas não dialogava. Houve situações em que o movimento pacifista europeu teve oportunidade de dialogar e negociar com Ronald Reagan, teve condições de negociar com Margareth Thatcher, teve condições de negociar com a URSS. Em todas estas oportunidades ele se recusou ao diálogo com os líderes das instituições estatais dominantes modernas. Ele sempre disse o seguinte: "... com os representantes das instituições modernas eu polemizo, eu não dialogo...". E polemizar para Thompson era contra-argumentar, não factuamente. Através da palavra, desmontar os argumentos da ideologia dominante. Para nós é muito difícil entender quem tem na palavra sua grande arma. Thompson foi um militante político radicalíssimo que não tinha sua arma numa organização, numa máquina política, nem nas armas, que ele abominava. Sua arma eram as palavras e por isso sempre existiu muita ironia em seus textos.

Uma outra questão que é muito importante para entendermos sua trajetória intelectual como historiador e ativista político é a passagem entre a sua obra historio-

gráfica e os vários livros que ele escreveu sobre a questão do pacifismo e sobre a questão nuclear. Geralmente nós, historiadores, dedicamo-nos ao estudo dos livros e artigos de história e os livros polêmicos; da fase pacifista, praticamente, desconhecemos. Mas é interessante por que, nessa fase intelectual, tem muita coisa para a gente entender o pensamento do Thompson e ver como seu pensamento se desenvolve a partir das suas pesquisas e a partir da militância nos movimentos pacifistas.

Há um artigo de Thompson durante a militância pacifista, que é de uma grande ironia, mas de fato, é um novo posicionamento teórico do autor. Ele diz no artigo que foi um pensador que se dedicou ao marxismo e que talvez fosse a hora, não de se afastar do marxismo, mas a partir da teoria marxista criar um pós-marxismo. Acho que ninguém que tenha falado sobre a obra de Thompson notou que ele se propôs a reavaliar as categorias analíticas do marxismo. Ele diz o seguinte, numa passagem de um artigo pouco conhecido: "... o que o moinho de vento foi para o feudalismo e a máquina a vapor foi para o capitalismo a máquina de guerra é para o exterminismo...". Thompson inaugura um novo modo de produção pós-capitalista, cujo nome é exterminismo. No feudalismo predomina o moinho de vento, no capitalismo a máquina a vapor e no exterminismo, a máquina de guerra. No exterminismo, o socialismo e o capitalismo estão juntos, quer dizer, no pós-capitalismo já houve a alternativa socialista, já houve o socialismo real. A partir de então, como pensar a sociedade, como pensar a história no modo de denominação exterminista? Thompson, em seus últimos artigos, faz uma virulenta crítica a todas as formas de Estado. Por isso ele dizia que, no exterminismo, nós não podemos dialogar com o Estado, nós temos que ultrapassar as formas estatais. Ele dizia assim: "... eu não acredito em democracia...". Não se espante leitor, com esta frase. Ela é própria do pensamento radical e libertário, se quisermos, anarquista. As novas políticas, os políticos informais, os novos movimentos sociais contemporâneos têm que pensar um estatuto de política informal que supere o problema da democracia, porque a democracia assegura formalmente direitos, ela define formalmente direitos, mas não assegura os direitos os quais ela formalmente define. Isto pode ter sido dito por Thompson, mas não coloco entre aspas por precaução. Com certeza, sua militância nos movimentos pacifistas radicalizou ainda mais sua crítica às intuições estatais. Com esta postura, ele pretendia reavaliar o marxismo para pensar um modo novo de fazer a política e a história.

Enfim, se observarmos a obra do Thompson desde o seu princípio até os seus últimos embates como pacifista, iremos encontrar sempre esse caráter libertário, esse pensamento radical.